

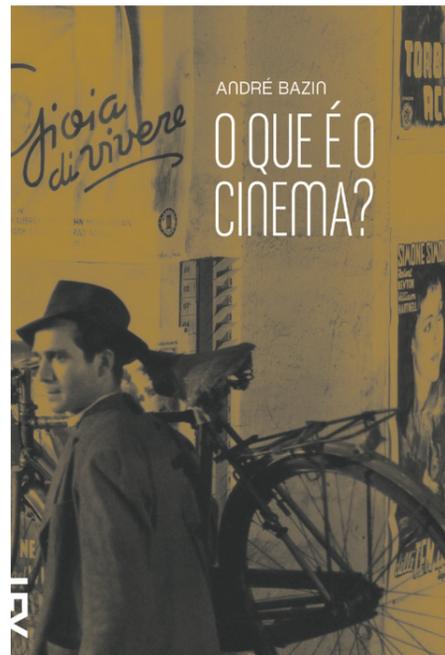
Bazin, finalmente

Ivonete Pinto

É de se comemorar com foguetes o lançamento da Cosacnaify “O que é o Cinema?”. O clássico de André Bazin havia desaparecido desde que a edição de 1991 ficou esgotada. A editora Brasiliense não fazia nova edição nem liberava os direitos. Quem estudava cinema, especialmente nos cursos de graduação e de pós, era obrigado a recorrer a cópias xerox. Esta iniciativa da Cosac tem por trás o pesquisador e crítico Ismail Xavier, do Conselho da editora, autor do Apêndice que por si só justifica a compra do livro. Xavier, no texto chamado “Bazin no Brasil”, situa a influência dos escritos do francês entre a crítica brasileira desde o início dos anos 50 e do reflexo que teve o pensamento dele na formulação estética do Cinema Novo. A função do plano-sequência no realismo, por exemplo, nunca mais foi a mesma depois de Bazin.

Ismail Xavier assina também o texto intitulado “Notas para esta Edição” e o texto de “Apresentação”. Neles, explica a importância de Bazin para a redescoberta de diretores como Orson Welles, Hitchcock e Chaplin, gêneros como o western e escolas como o neorealismo italiano, devidamente valorizados a partir das reflexões promovidas pela Cahiers du Cinéma, revista fundada e editada por Bazin, que contou com colaboradores ilustres, como Truffaut, Godard, Rohmer e Rivette.

André Bazin não é consenso entre os teóricos do cinema e vez por outra podemos ouvir críticas como “Bazin não entendia nada de artes plásticas”; “Bazin está ultrapassado em sua tese sobre a defesa contra o tempo e o complexo de múmia”, “Bazin se equivocou no conceito de montagem proibida” e por aí vai. Mas não há como negar o impacto de suas ideias e como elas ainda, passados mais de 50 anos, frequentam os textos de críticos e pesquisadores. Difícil falar sobre ontologia da imagem, realismo, plano-sequência, profundidade de campo sem remeter a Bazin.



Mateus Araújo, na orelha do livro, chama a atenção não só para a originalidade na elaboração de verdadeiras teses sobre o cinema em geral e sobre filmes específicos, como para a qualidade da prosa de Bazin. Utilizando a mesma tradução de Eloisa Araújo Ribeiro da edição anterior, que se chamava “O Cinema - Ensaios”, podemos observar o estilo elegante da prosa, como na abertura do subcapítulo “O avesso do cenário”: “Só há teatro do homem, mas o drama cinematográfico pode dispensar atores. Uma porta que bate, uma folha ao vento, ondas que lambem uma praia podem aceder à potência dramática.” (p. 145, na edição da Brasiliense, p. 179 na edição da Cosac).

A versão de “Qu'est-ce le Cinéma?” que tínhamos acesso no Brasil era uma compilação da original, composta por quatro livros. Este lançamento da Cosacnaif acrescenta a ela outros sete ensaios de Bazin, além dos já citados textos de Ismail Xavier.

Bazin foi responsável por uma produção impressionante, principalmente se considerarmos que morreu muito jovem, com apenas 40 anos. Que esta reedição sirva de incentivo a estudantes de cinema. Especialmente aqueles que acreditam que fazer cinema se reduz a fazer filmes. Pensar e escrever metodicamente sobre cinema também é uma forma de fazer cinema.

O que é o Cinema? André Bazin. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro Cosacnaify, 2014.